A MAIÊUTICA SOCRÁTICA COMO ‘UNIÃO’ DE TEORIAS NO *TEETETO*

Robson Gabioneta*

* Mestre em Filosofia
pela Universidade
Estadual de
Campinas.

RESUMO: A maiêutica socrática normalmente é descrita como a arte de conduzir alguém a produzir o próprio conhecimento por meio de perguntas, sem que Sócrates acrescente nada a este conhecimento. Porém, pensamos que ela é mais complexa que isso. Sócrates, para explicar sua arte a Teeteto, compara-se às parteiras. Elas julgam que sua principal função é unir os casais. Do mesmo modo, pensamos que a principal função de Sócrates é unir diferentes teorias, compondo novos saberes complexos. Assim, tentaremos acompanhar esse procedimento que, no nosso entender, pode ser desmembrado em 6 etapas: 1) sintetiza-se as formulações recebidas, adaptando-as gradativamente; 2) com isso, gera-se pontos de contatos ou elementos em comum; 3) permitindo, assim, uma fusão dessas teorias, cujo resultado é uma teoria mais complexa; 4) investiga-se as novas teorias geradas; 5) que, por sua vez, são unidas às ‘velhas’ teorias; 6) volta-se à etapa 1 para repetir o processo. Assim, é nosso objetivo neste artigo apresentar este aspecto da maiêutica socrática: a geração de teses a partir da articulação ou do ‘casamento’ das teorias de Protágoras, Teeteto e Heráclito.

PALAVRAS-CHAVE: Platão; *Teeteto*; maiêutica socrática.

SOCRATIC MAIEUTICS AS ‘UNION’ OF THEORIES IN THEAETETUS

ABSTRACT: Socratic maieutics is usually described as an art of leading someone to generate knowledge itself by means of questions, without Socrates adding up anything to this knowledge. We think, however, that there’s more to maieutics than this. To explain his art to Theaetetus, Socrates compares himself to the midwives. They deem their principal role uniting couples. We think likewise that Socrates’ principal role is to unite different theories, composing new complex knowledge. We will thus try to follow this procedure which, in our understanding, can be broken down into 6 stages: 1) the received formulations are synthesized, gradually adapting them; 2) contact points or common elements are therewith generated; 3) thus allowing a fusion of these theories, the result being a more complex theory; 4) the new generated theories are investigated;

5) which in turn are united to the 'old' theories; 6) return to stage 1 in order to repeat the procedure. In this way, our objective in this paper is to present this aspect of Socratic maieutics: the generation of theses from the articulation or the 'marriage' of Protagoras', Theaetetus' and Heraclitus' theories.

KEYWORDS: Plato; *Teeteto*; socratic maieutics.

DESCRIÇÃO DA MAIÊUTICA¹

Sócrates, em 149a, para extrair de Teeteto uma definição de conhecimento, revela a ele e a Teodoro o seu modo de ajudar os jovens a gerar seus saberes. Sócrates relata que aprendeu isso com sua mãe, uma parteira. A parteira, em geral, explica ele, só pode ser uma mulher que já pariu e que não pode mais gerar filhos, uma vez que o gênero humano não é capaz de adquirir uma arte sem antes tê-la experimentado (149c). Graças a este saber, a parteira consegue identificar a mulher mais jovem que passa por uma situação similar à que ela já passou e, por meio de drogas e encantamentos, pode conduzir à geração de filhos saudáveis ou, quando for o caso, guiar o aborto (149b-c). Além disso, aponta Sócrates, a parteira, por possuir a arte da geração, julga-se capaz de participar do processo de fecundação, indicando qual a melhor mulher para determinado homem e o melhor homem para determinada mulher. Esta última arte, diz Sócrates, é aquilo de que ela mais se orgulha (149d).

Depois de caracterizá-la, Sócrates compara-se à parteira, dizendo que, enquanto ela ajuda a gerar seres humanos, ele, por sua vez, põe à prova, na alma dos jovens, seu pensamento, diferenciando aquilo que é verdadeiro e legítimo daquilo que é falso e imaginário (150c). Desse modo, quem convive com ele e é favorecido pela divindade progride tanto aos seus olhos como aos olhos dos outros; porém, quando este menospreza seu convívio em favor de uma má companhia, antes do tempo necessário, destrói aquilo que estava prestes a nascer. Já aquele que continua o contato diário com Sócrates² fica desorientado pelo duro trabalho que realizaram, até o momento em que ele, com sua arte, o acalma. Aquele, porém, que na sua companhia não conseguiu produzir nenhum saber, Sócrates aproxima-o de alguém mais útil.

Ao equiparar-se às parteiras, Sócrates está confessando que, apesar de não mais ser capaz de gerar conhecimentos, algum dia já realizou tamanho feito.³ Quais foram esses

¹ Estamos usando a tradução de Nogueira (2010) com algumas modificações. Agradecemos ao Prof. Marcelo P. Marques pelo curso sobre a primeira parte do *Teeteto* na Unicamp no primeiro semestre de 2014, e pelas críticas e sugestões a este trabalho.

² Pensamos que a maiêutica de Sócrates é semelhante ao modo como Protágoras, no diálogo que leva seu nome, apresenta seu modo de convívio com os alunos (318a). Lá Protágoras diz que seu aluno, depois de frequentar suas aulas, voltará para casa melhor do que era antes, uma vez que ele ensina a excelência da vida política. Será que Sócrates aprendeu a maiêutica também com Protágoras?

³ Benoit (2004, II, p. 259) chama a atenção para a possibilidade de a suposta 'teoria das ideias' ser uma das coisas que Sócrates produziu durante sua vida.

saberes não é dito no diálogo. Também não é dito o motivo pelo qual a parteira, para exercer sua profissão, não pode mais ser fértil, não pode mais gerar. Desse modo, uma fértil mulher jovem que já gerou um filho não pode ser parteira. Podemos cogitar dois motivos para que isto seja assim: para diminuir o risco de furto da criança ou mesmo o furto do próprio genitor. Algo semelhante podemos pensar da prática de Sócrates: ao dizer ao seu interlocutor que já produziu, mas que não pode produzir mais, Sócrates indica que não pretende se apossar daquilo que ajudou a produzir.⁴

No diálogo também não fica claro qual é o equivalente socrático das drogas e encantamentos que as parteiras usam. Quem, porém, faz um paralelo entre a saúde dos corpos e a condução das almas é o fictício Protágoras, em 167a. Ele diz que o médico muda o estado do doente pelo uso de drogas, enquanto o sofista faz o mesmo com os discursos. A maiêutica de Sócrates, então, seria semelhante à prática dos sofistas?⁵

Por fim, é dito que as parteiras julgam-se capazes de participar do processo de gestação, indicando uma dada mulher a um homem, e vice-versa. Sócrates, por sua vez, afirma que faz papel de casamenteiro quando a pessoa que ele assiste não foi capaz de produzir nada; porém, quando seu assistido produz algo, Sócrates não mais é casamenteiro, mas um dos fecundantes. Logo, nesta situação, Sócrates não é mais estéril.

Esta última observação é o que nos interessa neste artigo. Como Sócrates investiga as teses de supostos sábios, sem acrescentar nada a elas, como ele próprio afirma em vários lugares?⁶ Por um lado, pensamos que Sócrates é ativo, quando investiga as teorias dos sábios na conversa com Teodoro e Teeteto;⁷ por outro lado, Sócrates será casamenteiro, não para indicar alguém para conviver com Teeteto,⁸ mas para identificar qual teoria pode ser aproximada de

⁴ No diálogo *Protágoras*, em 361d, Sócrates diz que seguirá o modelo de Prometeu pela vida inteira. Prometeu é caracterizado nesse diálogo como aquele que, para salvar o homem, rouba de Hefesto e Atena o fogo e as artes, bem como o modo de ensiná-las.

⁵ Sobre isso ver Benoît (2004, III, p.83) e Gabioneta (2013, p.95).

⁶ Por exemplo, em 157c. No diálogo *Protágoras*, em 351-2, Sócrates, na companhia de Protágoras, desenvolve uma técnica de expansão de sentidos de uma frase a partir da aproximação de sinônimos das palavras que formam essa frase. Ver Gabioneta (2013, p.31 e p.88).

⁷ Burnyeat (1990, p.12) diz o seguinte: “Whatever we decide about Plato’s broadening the focus of discussion, it should come as no surprise to find that, in consequence, the application of the Protagorean formula ‘x appears F to a’ gets considerably extended.” De modo semelhante, Tordesillas (2009, p.12) afirma: “No *Teeteto*, Platão remonta, através de uma reinterpretação do homem-medida de Protágoras, e por uma torrente de implicações, a uma teoria que ele apresenta como sendo a de Heráclito.” Antes deles, Platão em 172b, já indica como ele investiga as teses dos sábios.

⁸ Acerca da questão relativa a ‘indicar alguém para conviver-aprender com alguém’, pensamos que há dois momentos importantes: Teodoro, em várias passagens do diálogo, julga-se incapaz de acompanhar Sócrates e, por isso, insiste para que Teeteto seja ‘parceiro’ de Sócrates nas discussões. Já no *Sofista*, diálogo no qual os mesmos personagens voltam a se encontrar, Teodoro traz o Estrangeiro de Eleia (216a) para apresentá-lo àqueles com quem conversou no *Teeteto*, ou seja, Sócrates e Teeteto; porém, é Sócrates que o aproxima (217d) de Teeteto, a fim de que possam conversar sobre a definição dos gêneros: sofista, filósofo e político.

outra. Na verdade, como veremos, Sócrates ouve as definições de conhecimento de Teeteto, simplifica-as por meio de uma síntese,⁹ a partir da qual as articula à tese do ‘homem medida’ de Protágoras, e, a seguir, procura as consequências dessa junção, de modo a mostrar como são compatíveis com a tese fluxista de Heráclito.¹⁰ Daremos destaque às uniões entre as teses de Teeteto e Protágoras, propondo que esse é um dos sentidos fundamentais da maiêutica socrática.¹¹

UNIÃO ENTRE AS TEORIAS DE TEETETO, PROTÁGORAS E HERÁCLITO

Assim, em 151e, pela exortação de Sócrates, Teeteto dá a sua primeira definição de conhecimento: “de fato, parece-me que quem sabe algo apercebe aquilo que sabe e, tal como agora parece, saber não é outra coisa que não percepção” (151e). Observo que Teeteto diz duas coisas que, apesar de estarem relacionadas, são diferentes. Na primeira, afirma que aquele que sabe percebe aquilo que sabe, ou, em outros termos, o conhecimento do sabedor é perceptível para ele. Na segunda, diz que o saber não pode ser outra coisa que não esteja na percepção, ou seja, se há saber, este saber se fixa somente na percepção. Na primeira, o foco é o perceptor; na segunda, o centro desloca-se para a percepção do perceptor.

Sócrates, por sua vez, sintetiza as frases de Teeteto na seguinte afirmação: “percepção, dizes, é saber” (151e). Se compararmos esta síntese com as duas frases de Teeteto, veremos que, na primeira, Sócrates altera a ordem dos termos: Teeteto diz que o saber é percebido,

⁹ Um dos recursos de Sócrates é a simplicidade, como indica em 147c, ao definir lama como terra molhada.

¹⁰ Acerca do modo como Platão investiga a tese de Protágoras, diz Tordesillas (2009, p.13): “os intérpretes estão de acordo – e é um dos raros pontos de acordo, visto serem grandes as divergências sobre a interpretação do fragmento DK80B1 de Protágoras – sobre a estrutura de conjunto da composição platônica, a respeito do fato de que a progressão desta composição é obra de Platão, assim como sobre o fato de que as aproximações que Platão faz não se encontram necessariamente na obra mencionada de Protágoras.” Um dos problemas dos estudiosos que se propõem à tarefa de interpretar os fragmentos de Protágoras é justamente retirá-los do contexto platônico. Essa, por exemplo, é a crítica que Cassin (2005, p.15) faz a Kerferd. Para uma tentativa de investigação do fr. 1, de Protágoras ver Vaz Pinto (1995, p. 328). Sobre a investigação que Platão faz dos fragmentos de Heráclito, ver Flaksman (2009).

¹¹ Na verdade, pensamos que esta é apenas a primeira fase da investigação que Platão faz sobre seus antecedentes. Depois de investigar as teses dos supostos sábios, Platão as classifica para, logo em seguida, confrontá-las. Um exemplo de confronto ocorre no diálogo *Crátilo*, como aponta Benoit (2003, p. 118). E também no próprio *Teeteto*, em 154d-e, é indicado o procedimento platônico. Por fim, o que é investigado precisa ser avaliado. Para isso, Platão, no *Sofista*, apresenta o método da purificação (226-230). Sobre isso ver Gabioneta (2013, p.50 a 54) e também Rey Puente (2002, p. 8).

enquanto Sócrates diz que a percepção é saber.¹² Na segunda, Sócrates também inverte os elementos da frase, mas antes, retira as negativas.¹³

Na sequência do diálogo, Sócrates diz que a tese de Teeteto – aquela que ele sintetizou –, um pouco diferente, afirma o mesmo que a tese de Protágoras: “a medida de todas as coisas é o homem, ‘das que são, enquanto são, das que não são, enquanto não são’” (152a).¹⁴ Para uni-la com a tese de Teeteto, Sócrates a modifica para: “que cada coisa é para mim do modo que a mim me parece; por outro lado, é para ti do mesmo modo que a ti te parece. E tu e eu somos homens” (152a). Sócrates aqui se reconhece como o homem da frase de Protágoras, do mesmo modo que Teeteto. As coisas são para ele, Sócrates, tais como a ele aparecem, e, para o outro, Teeteto, também como lhe parecem. Assim, ‘como as coisas são e como as coisas não são’ torna-se ‘as coisas que são percebidas por Sócrates e Teeteto’.¹⁵ Note-se que, por enquanto, nada é dito sobre a medida.¹⁶

Tendo desmembrado o termo ‘homem’ em dois, Sócrates desenvolve o argumento com um exemplo de algo que pode atuar de maneiras distintas em duas pessoas, o vento: “não acontece, por vezes, um de nós sentir um mesmo sopro de vento frio e o outro não? E um sentir pouco frio e outro muito?” (152b). Com este exemplo, Sócrates introduz a possibilidade de, diante de um mesmo acontecimento – o vento – dois homens terem percepções distintas, um senti-lo frio, e o outro não ter essa percepção, ou mesmo um atribuir ao vento a qualidade de ser muito frio, enquanto o outro atribuir ao vento a qualidade de ser pouco frio.

A partir da possibilidade de dois homens – que poderiam ser Sócrates e Teeteto – terem percepções distintas, Sócrates apresenta o seguinte problema: “então, como dizemos que é o sopro do vento em si mesmo? Que é frio ou que não é frio?” (152b). Assim, o produto da união das teses modificadas de Teeteto e Protágoras será a distinção entre o

¹² No final do *Protágoras*, em 350c, Sócrates e Protágoras discutem esta inversão em frases do tipo X é Y. Depois de Protágoras afirmar que os corajosos são audaciosos e Sócrates tentar induzi-lo a conceder que também os audaciosos sejam corajosos, Protágoras explica que isso não é possível, uma vez que a coragem é mais abrangente que a audácia. Assim, usando o pensamento de Protágoras para entender a definição de Teeteto, podemos dizer que, apesar de o conhecimento tornar-se percepção, isso não significa que a percepção seja conhecimento. Ver Gabioneta (2013, p.30 e 73).

¹³ Há no *Sofista* uma discussão sobre o uso do ‘não’. Vejamos alguns lugares: em 240b, o Estrangeiro pergunta para Teeteto porque ele entende o não-verdadeiro como contrário do verdadeiro? Em 255e *et. seq.*, o Estrangeiro usa a negativa para evidenciar as relações entre os gêneros supremos. Em 257e, o Estrangeiro diz o seguinte: “não podemos, pois, admitir que a negação signifique contrariedade, mas apenas admitiremos nela alguma coisa de diferente. Eis o que significa o ‘não’ que colocamos como prefixo dos nomes que seguem a negação, ou ainda das coisas designadas por esses nomes.”

¹⁴ Como dissemos, há muitas discussões em torno da fidelidade ou não da frase de Protágoras aqui citada quando comparada a outras fontes antigas. Não será esse nosso objetivo. Interessa-nos o modo como Sócrates investiga esta teoria, unindo-a a outras.

¹⁵ Adiante, em 170d-e, Sócrates desloca esta ideia para a seguinte: as coisas são para alguém e não são para todas as outras pessoas.

¹⁶ Para uma posição contrária ver Flaksman (2009, p.97 e 98).

perceptor e a coisa que é percebida; entre aquilo que aparece ao perceptor e aquilo que a coisa faz com que seja percebido.

O próximo passo de Sócrates será perguntar: diante da diferença de opiniões sobre determinado objeto, qual será o critério para a escolha entre duas percepções diferentes? Qual das duas percepções se aproxima mais do objeto? Porém, se a percepção é saber (Teeteto) e percepção é sempre do que é (Protágoras) então: “a percepção é sempre daquilo que é e não pode ser falsa, sendo saber” (152c). Assim, unindo novamente as teses de Protágoras e Teeteto e acrescentando o raciocínio de que aquilo que é é verdadeiro,¹⁷ Sócrates gera um novo produto: ‘a percepção não pode ser falsa’.

A seguir, Sócrates volta a falar do em si, ou melhor, do objeto, a partir da exclusão da percepção que ele causa ao perceptor:

Que nada é um, por si e em si, e não poderias nomear algo com correção, nem indicar alguma qualidade: mas, se chamares a algo grande, também aparecerá pequeno, se chamares pesado, aparecerá também leve, e assim também todas as coisas, dado que nada é unidade, algo ou qualidade. (152d)

Assim, as conseqüências que Sócrates retira quando reduz o objeto àquilo que ele causa no perceptor são: a) nenhuma coisa pode possuir unidade, pois pode ser percebida de maneiras distintas; b) nenhum objeto pode ser por si e em si, mas depende do observador que o observa; c) não há um nome ou uma qualidade apropriada para o objeto, uma vez que os nomes são dados por perceptores que podem não concordar uns com os outros. Em outros termos, o fato de dois homens perceberem o objeto de modos diferentes significa que também os nomes, ou qualquer outra qualidade, não são qualidades das coisas, mas pertencem àquele que os atribui.¹⁸ Assim, é como se Sócrates dissesse que o homem é a medida do nome e das qualidades dos objetos. Se for assim, conclui Sócrates:

... nada é unidade, algo ou qualidade. Partindo do deslocamento, do movimento e da mistura de umas com as outras, todas as coisas se tornam aquelas que estávamos a dizer: não as chamando corretamente, pois nada nunca é, mas vai tornando sempre (152d-e).

Sócrates desloca a questão da atribuição de qualidades aos seres para a geração deles; daquilo que o ser é para aquilo que o ser torna-se.¹⁹ Assim, as coisas transformam-se pelo deslocamento, pelo movimento e pela mistura. Para ele, essa foi a preocupação de Heráclito

¹⁷ Apesar da negação de Sócrates, parece que a tese de Parmênides está implícita aqui.

¹⁸ O tema da correção dos nomes é desenvolvido no *Crátilo*.

¹⁹ No *Protágoras*, entre 340a e 347a, Sócrates discute com Protágoras a distinção entre o ser virtuoso de Pítaco e o tornar-se virtuoso de Simônides. Entendemos que Sócrates conclui, a partir de Simônides, que ser virtuoso é possível apenas por um curto período de tempo. Usando esse raciocínio, podemos dizer que o nome, assim como as outras qualidades dadas pelos homens em geral às coisas, é algo provisório, a coisa é aquilo que ela torna-se por um tempo, até tornar-se outra.

quando disse: “todas as coisas nascem do fluxo e do movimento”(153e).²⁰ Vale notar que a síntese de Sócrates exclui o deslocamento e a mistura.

A seguir, Sócrates une a tese de que tudo vem do movimento (Heráclito) com a tese de que ou as coisas são ou não são (Protágoras): “que o movimento transmite o que parece ser e o tornar-se, e o repouso o não ser e o destruir-se” (153a). O movimento faz com que as coisas apareçam, uma vez que, por causa dele, as coisas tornam-se; por outro lado, o repouso gera o não ser e a destruição.

Um pouco adiante, Sócrates une a tese de que o perceptor e o percebido são distintos (produto da união de Teeteto com Protágoras) com a tese de que tudo é movimento (Heráclito):

Em relação à visão, que aquilo a que chamas cor branca não é ela própria diferente, fora dos teus olhos, nem dentro dele, nem a coloques em alguma região (...) sigamos o argumento de ainda agora e estabeleçamos nada é unidade, por si e em si; assim, para nós, o preto, o branco e qualquer outra cor parecerão ser geradas a partir do encontro dos olhos com o movimento adequado. E então, cada coisa a que chamamos cor não é o que colide, nem o que sofre colisão, mas algo gerado no meio, próprio a cada um (153d-154a).

A distinção entre o perceptor e o percebido é aumentada por Sócrates: de um lado temos o homem, o perceptor, e aquilo que ele percebe; do outro lado temos a coisa percebida e aquilo que ela ‘permite’ que seja percebido. Assim, aquilo que chamamos de cor branca não tem realidade independente nem no olho nem na coisa, mas é algo que é gerado pelo encontro daquilo que o olho percebe com aquilo que o objeto deixa perceber. Além do mais, como tanto o olho quanto o objeto olhado se movimentam, um determinado encontro do movimento do olho e do movimento do objeto gera a cor branca.

O resultado dessa investigação - a mudança contínua entre o perceptor e o percebido (produto da união entre Teeteto, Protágoras e Heráclito) - Sócrates une com a medição das coisas (Protágoras):

Então, se nos compararmos com alguma coisa ou tocarmos numa coisa grande, branca ou quente, esta, ao encontrar-se com outra, nunca se tornará nessa, sem ela própria mudar; se, pelo contrário, o que se compara ou toca for grande, branco, ou quente, não é por estar próximo de outra coisa ou por ser afetado, que isso, não tendo sido afetado, se torna outra coisa (154b).²¹

²⁰ Como no caso de Protágoras, não pretendemos discutir se as interpretações que Platão propõe dos fragmentos de Heráclito são apropriadas ou não; nos interessa pensar como Platão une as teorias para investigá-las. Para uma análise do primeiro problema, ver Flaksman (2009).

²¹ Na tradução de A. Nogueira o *métro*n não fica claro, mas nas traduções de Chappell, Nunes, Campos, o termo aparece de modo mais claro. Por exemplo Nunes traduz: “Logo, se aquilo que medimos ou

Ou seja, quando pretendemos medir a coisa ou mesmo apenas a tocamos, alteramos o que ela é, ou melhor, o contato daquele que percebe com a coisa percebida altera a coisa percebida e também o perceptor.

Para finalizar este momento, vejamos o trecho no qual Sócrates apresenta o que uniu de cada uma das teorias:

É muito certo o que disseste, que o saber não é mais que percepção, e nele convergem tanto o que diz Homero, Heráclito e toda a sua espécie: que tudo se move como fluxo, e, como diz o sapientíssimo Protágoras, que o homem é a medida de todas as coisas, e ainda, como assim afirma Teeteto, que a percepção se torna saber (160d-e).

Note-se que a teoria de Teeteto volta a aparecer do modo que ele a enunciou; a tese de Heráclito é sintetizada de maneira diferente do que foi feito anteriormente: lá Sócrates dizia que, para Heráclito, todas as coisas nascem do fluxo e do movimento; já aqui diz que tudo se movimenta em fluxo; já de Protágoras é retirada a segunda parte: como as coisas são e como as coisas não são.

CONCLUSÃO

Pretendemos ter mostrado nesse artigo que a maiêutica não é uma simples ‘ajuda’ que Sócrates dá ao seu interlocutor na produção de saberes, por meio de perguntas e respostas, sem intervenção alguma. Em primeiro lugar, na própria comparação com as parteiras, pensamos que há alguns elementos que não são discutidos com o detalhe que merecem. Por exemplo, Sócrates, ao dizer-se estéril e ainda assim ser capaz de ajudar na produção de conhecimentos, está se comparando a Ártemis, a deusa que ajudou sua mãe, Leto, a dar à luz seu irmão, Apolo?²² Se aceitarmos essa aproximação podemos indagar: quem é a mãe de Sócrates e quem seria seu irmão, que ele ajudou a ser gerado? Em 149c, é dito que a raça humana é muito frágil para fazer algo sem a devida experiência. Isso seria uma indicação do autor do diálogo de que Sócrates é uma figura mítica?

Seja como for, pensamos que Sócrates não é tão estéril como pretende indicar; além do mais, outra referência às parteiras nos indica algo que também merece nossa atenção. Sócrates, como as parteiras, é casamenteiro. Mas como ele une as teorias? Ele ouve de Teeteto sua definição de conhecimento e, lembrando-se das técnicas sofísticas que aprendeu durante sua vida, ao conversar com os sofistas, como, por exemplo, com Protágoras e Górgias,²³ manipula cuidadosamente cada palavra de Teeteto. A primeira síntese de Sócrates contém pelo menos dois recursos que poderíamos chamar de sofísticos: a alteração da ordem das

o que tocamos fosse grande, branco ou quente, nunca se mudaria ao entrar em contato com outra coisa, se não sofresse, também, alguma alteração.”

²² Ver Morillas (1998, p.115)

²³ Para a justificação disso ver Gabioneta (2013, cap. 2 e 4). Não trabalhamos com a oposição sofista/filósofo consagrada na tradição.

palavras, fazendo o sujeito virar objeto, e a retirada das negativas das frases. Com as alterações, fica fácil comparar os pensamentos de Teeteto e de Protágoras. Se a percepção é saber, então aquele que percebe sabe. Se o homem é a medida de tudo e o homem percebe, logo aquele que percebe é a medida daquilo que percebe; assim, sua percepção não pode ser falsa, mas é sempre verdadeira.

Assim, as teses de Teeteto e Protágoras são investigadas, algumas de suas conseqüências são apresentadas e, a partir disso, elas são unidas. O primeiro filho é: o homem mede tudo com seus sentidos. Para gerar o segundo filho, Sócrates pergunta o que aconteceria se dois homens, como eu e você, percebessem coisas diferentes, como, por exemplo, um achasse que este texto tem sentido e outro não. O que seria este texto, ele mesmo? Assim, o segundo filho é a separação entre aquilo que o homem percebe e o modo como o objeto se deixa perceber. Uma coisa é o objeto percebido, outra é o homem que percebe. Se perceptor e percebido são distintos e dois perceptores podem perceber aspectos diferentes de um mesmo objeto, como podemos entender a unidade das coisas? Como chegamos ao 'em si' através da percepção? Como vamos nomear ou qualificar as coisas? Então, temos que admitir, junto com Heráclito, que tudo é movimento, ou seja, que tudo nasce da mistura. As coisas são algo até se degradarem, quando, então, elas transformam-se em outras coisas, tornando-se outras. Mas se as coisas se movimentam e nós, seres que percebemos, também, então aquilo que percebemos é gerado pelo encontro dos movimentos de ambos. O que convencionalmente chamamos de percepção não é nada além do que um momento passageiro do movimento incessante de tudo.

Depois dessa operação, já não temos o pensamento de Teeteto, Protágoras ou Heráclito. Muito menos o de Sócrates; temos, sim, uma confluência de teses articuladas, um fluxo de teorias encaixadas uma dentro da outra, com o intuito, penso eu, de produzir um amálgama, uma nova teoria complexa. Esse é o resultado do parto, uma união de teorias que acaba por explicitar o que verdadeiramente implicam ou significam. Desse modo, ficar discutindo se Platão é desleal ao investigar seus antecessores não me parece fecundo. O que talvez fosse produtivo é investigar as teses de Teeteto, Protágoras e Heráclito sob um viés que não foi praticado por Sócrates. Desse modo, teríamos novos saberes.

Se isso for possível, aquele que empreender essa iniciativa deve entregar esses novos saberes a bons sofistas, como Sócrates e Teeteto, que irão tentar refutá-los a todo custo, como se toda a humanidade dependesse disso. O resultado dessa investigação deve ser dada ao dialético, que por sua vez, irá dividir e unir, separar e articular. Tendo como patrono Apolo, o filósofo-dialético, deve jogar fora o que for inútil e aproveitar o que for possível. Isso, porém, até surgir um novo filósofo, para mostrar os erros e recusar as uniões do anterior, como se fossem partos realizados por um sofista.²⁴

²⁴ Ver Gabioneta (2013), seção 3.3 e conclusão.

No caso deste texto, o que nos resta é sermos ‘maiêuticos’ de Sócrates, ou seja, devemos verificar se o que ele produziu pelas conversas nos diálogos é algum saber ou se é mera ilusão.²⁵

REFERÊNCIAS

- PLATÃO. *Diálogos*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 1972.
- PLATON. *Oeuvres complètes*. Texto grego e tradução francesa. Paris: Les Belles Lettres, Collection des Universités de France, 1920.
- PLATÓN. *Diálogos*. Madrid: Editorial Gredos, 2008.
- PLATÃO. *Teeteto*. Tradução Nogueira, A. M.; Boeri, M. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- BURNYEAT, Myles. *The Theaetetus of Plato*. Translation of M. J. Levett. Indianapolis: Hackett, 1990.
- CHAPPELL, Timothy. *Reading Plato's Theaetetus*. Sankt Augustin: Academia Verlag, 2004.
- AZEVEDO, Maria S. Da maiêutica socrática à maiêutica platônica. *Humanitas*, v. IV, n. 65, p. 265-281, 2003.
- BENOIT, Hector. *Em busca da odisséia dialógica: a questão metodológica das temporalidade*. 2004. Tese (Livre Docência em Filosofia) - Unicamp, Campinas, 2004.
- BORGES, Anderson P. *Razão e Sensação no Teeteto de Platão*. 2009. Tese (Doutorado em Filosofia) – USP, São Paulo, 2009.
- CASSIN, Barbara. *O efeito sofístico*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina F. F., Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- FLAKSMAN, Ana. *Aspectos da recepção de Heráclito por Platão*. 2009. Tese (Doutorado em Filosofia) PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2009.
- GABIONETA, R. *Um estudo sobre o sofista Protágoras nos diálogos de Platão*. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Unicamp, Campinas, 2013.
- KERFERD, G. B. *O movimento sofista*. Trad. Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- MARQUES, M. P. Os sofistas: o saber em questão. In: FIGUEREIDO, V (Org.). *Filósofos na sala de aula*. São Paulo: Ed. Berlindis & Vertecchia, 2007. v. 2.
- MORILLAS, M. *Los dioses del Olimpo*. Madrid: Akanza Ed., 1998.

²⁵ Benoit (2004), em sua livre docência, mostra que Sócrates é acusado por Platão, no *Sofista*, de ser a essência do sofista. Gabioneta (2013) problematiza isso mostrando que o sofista caracterizado por Platão como um tipo que não existe na história, como aponta Marques (2007), é uma passagem para o ser filósofo.

REY PUENTE, Fernando. A kátharsis em Platão e Aristóteles. In: DUARTE, R.; FIGUEIREDO, V.; FREITAS, V.; KANGUSSU, I. (Org.). *Kátharsis: reflexões de um conceito estético*. Belo Horizonte: C/Arte, 2002. p. 71-79.

SANTOS, J. G. (Org.) *Do Saber ao Conhecimento: Estudos sobre o Teeteto*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

TORDESILLAS, Afonso. Platão, Protágoras e o homem-medida. *Dissertatio*, v. 29, p. 11-42, inverno de 2009.

VAZ PINTO, Maria José. A “medida das coisas” entre o homem e deus – algumas reflexões sobre o frag. 1 de Protágoras. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, v. 2, n. 8, p. 321-331, 1995.

Recebido em: 5 de agosto de 2015

Aprovado em: 7 de dezembro 2015